

# A PESQUISA GEOLINGUÍSTICA EM COMUNIDADES TRADICIONAIS NO NORTE DO BRASIL

## GEOLINGUISTIC RESEARCH IN TRADITIONAL COMMUNITIES IN NORTHERN BRAZIL

Romário Duarte Sanches 1

**Resumo:** Este artigo apresenta os caminhos da pesquisa geolinguística na Região Norte do Brasil, sobretudo os estudos sobre o português brasileiro falado em comunidades tradicionais, isto é, em comunidades indígenas, quilombolas ou afro-brasileiras. Atualmente, é possível constatar a produção de atlas linguísticos em áreas urbanas da Região Norte, como o Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA (RAZKY, 2004), Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM (CARDOSO, 2004), Atlas Linguístico do Amapá – ALAP (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017), o Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC (KARLBERG, 2018), Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins – ALiTTETO (SILVA, 2018), entre outros. Em relação aos trabalhos geolinguísticos realizados em comunidades tradicionais, constatou-se que há nove pesquisas em área indígena e cinco em comunidades quilombolas ou afro-brasileiras. Neste sentido, acredita-se que as pesquisas geolinguísticas já realizadas no Norte do país oferecem um banco de dados indispensável para o conhecimento cultural, histórico, social, e, sobretudo, linguístico das variedades do português falado na Amazônia brasileira.

**Palavras-chave:** Geolinguística. Amazônia. Comunidades tradicionais.

**Abstract:** This article presents the paths of geolinguistic research in the Northern Region of Brazil, especially studies on Brazilian Portuguese spoken in traditional communities, that is, in indigenous, quilombola or Afro-Brazilian communities. Currently, it is possible to verify the production of linguistic atlas in urban areas of the North Region, such as the Sound Linguistic Atlas of Pará - ALiSPA (RAZKY, 2004), Linguistic Atlas of Amazonas - ALAM (CARDOSO, 2004), Linguistic Atlas of Amapá - ALAP (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017), the Ethnolinguistic Atlas of Acre – ALAC (KARLBERG, 2018), Topodynamic and Topostatic Linguistic Atlas of the State of Tocantins – ALiTTETO (SILVA, 2018) and among others. Regarding the geolinguistic work carried out in traditional communities, it was found that there are nine researches in indigenous areas and five in quilombola or Afro-Brazilian communities. In this sense, it is believed that the geolinguistic research already carried out in the North of the country offers an indispensable database for cultural, historical, social and, above all, linguistic knowledge of the varieties of Portuguese spoken in the Brazilian Amazon.

**Keywords:** Geolinguistics. Amazon. Traditional communities.

---

**1** Graduado em Letras (IESAP). Mestre e Doutor em Letras (UFPA). Pós-doutorado em Letras (UNIFAP). Atualmente é professor na Universidade do Estado do Amapá (UEAP) e na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1643553805315252>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0571-303X>. E-mail: [romariodsanches@gmail.com](mailto:romariodsanches@gmail.com).

## Introdução

A Geolinguística no Brasil, sobretudo na região Amazônica, vem apresentando diferentes perspectivas de investigação sobre a variação linguística. Tendo em vista essas novas configurações da Geolinguística no Norte do Brasil, este texto busca traçar um panorama desse tipo de estudo já realizado em comunidades tradicionais da Amazônia brasileira, na intenção de reforçar os rumos teórico-metodológicos da Dialetoлогия, considerada ciência geral da variação linguística.

Este artigo encontra-se dividido em quatro partes. Na primeira consta a introdução, na segunda apresenta-se um breve panorama da Geolinguística na Amazônia brasileira, comentando os principais atlas linguísticos da Região Norte, na terceira elencam-se os principais trabalhos geolinguísticos realizados em comunidades tradicionais (indígenas e quilombolas) e por último as considerações finais.

## A Geolinguística na Amazônia brasileira

A Geolinguística é compreendida como um ramo dos estudos dialetais, subordinada à Dialetoлогия<sup>1</sup>, portanto, uma subdisciplina. De acordo com Romano (2014, p. 150), o fazer geolinguístico significa, necessariamente, fazer pesquisa dialetológica, uma vez que o objetivo principal é evidenciar formas e expressões linguísticas usadas em determinado espaço geográfico. Entretanto, a geolinguística não se resume à simples representação dos dados em cartas linguísticas, mas envolve um conjunto de processos metodológicos e técnicos que vão desde a elaboração de questionários, com base nos objetivos da pesquisa, até a elaboração e interpretação de cartas linguísticas com auxílio de *softwares* computacionais<sup>2</sup>.

No que concerne aos estudos geolinguísticos no âmbito nacional, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), sem dúvida, vem contribuindo amplamente com a formação de novos pesquisadores na área, trazendo um vasto conhecimento científico sobre o Português Brasileiro, em seus diversos níveis: lexical, semântico, fonológico, fonético, morfológico, sintático, discursivo, pragmático e entre outros. São inúmeros os trabalhos já desenvolvidos e orientados/coordenados pelos diretores científicos do referido projeto. Entre esses trabalhos estão os atlas linguísticos regionais, artigos científicos, teses, dissertações e monografias<sup>3</sup>.

Sobre os atlas linguísticos de cunho regional/estadual elaborados na Região Norte do Brasil, nota-se que até meados dos anos 2000-2010 havia um número bem reduzido de atlas publicados, como o Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA) e o Atlas Linguístico da Mesorregião do Marajó/PA. Hoje, podemos usufruir de novos atlas linguísticos, como mostra o Quadro 01.

**Quadro 1.** Atlas Linguísticos estaduais da região Norte.

AMAPÁ			
autores	natureza	título	situação
Abdelhak Razky; Celeste Maria da Rocha Ribeiro; Romário Duarte Sanches	Livro	Atlas Linguístico do Amapá (ALAP)	publicado em 2017
Romário Duarte Sanches	Tese	Microatlas Linguístico da área indígena Karipuna do Amapá	Defendida em 2020

1 Thun (2000) considera a Dialetoлогия uma ciência geral da variação linguística.

2 Romano (2014) lista alguns dos processos pela qual a pesquisa geolinguística passa, como: elaboração de questionários com base nos objetivos da pesquisa; seleção dos informantes considerando variáveis envolvidas a partir do objetivo da pesquisa; treinamento do pesquisador de campo em trabalhos desta natureza; aplicação padronizada dos instrumentos de coleta de dados; transcrição e revisão de dados geolinguísticos; elaboração de bancos de dados geolinguísticos para tratamento quantitativo e/ou cartográfico; elaboração de cartas linguísticas, seja com softwares computacionais atrelados a banco de dados ou com ferramentas de edição de imagem; interpretação minuciosa e tratamento dos dados cartografados; tratamento dialetométrico para verificar a difusão areal de formas e expressões linguísticas.

3 Como apontam Paim (2012) e Mota (2015).

AMAZONAS			
autores	natureza	título	situação
Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso	Tese	Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)	defendida em 2004
Roseanny Melo de Brito	Dissertação	Atlas dos Falares do Baixo Amazonas (AFBAM)	defendida em 2011
Jeiviane dos Santos Justiniano	Dissertação	Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro (ALFARIN)	defendida em 2012
Letícia Pinto Cardoso	Dissertação	Atlas Linguístico dos Falares de Manaus (ALFAMA)	defendida em 2018
Edson Galvão Maia	Tese	Atlas Linguístico do Sul Amazonense (ALSAM)	defendida em 2018
ACRE			
autores	natureza	título	situação
Luísa Galvão Lessa Karlberg	Livro	Atlas Etnolinguístico do Acre (ALAC)	publicado em 2018
PARÁ			
autores	natureza	título	situação
Abdelhak Razky	CD-Room	Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA)	publicado 2004
Abdelhak Razky; Regis José da Cunha Guedes; Eliane Oliveira da Costa	Livro	Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA)	andamento
Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva	Tese /Livro	Atlas Linguístico da Mesorregião do Marajó/PA	publicado em 2002/2005
TOCANTINS			
autora	natureza	título	situação
Greize Alves da Silva	Tese	Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO)	defendida em 2018
RONDÔNIA			
autora	natureza	título	Situação
Iara Maria Teles	Livro	Atlas Linguístico de Rondônia	andamento
TOCANTINS			
autora	natureza	título	Situação
Luzineth Rodrigues Martins	Livro	Atlas Linguístico de Roraima	andamento

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Conforme o quadro acima, no Estado do Amapá tem-se dois atlas linguísticos, o Atlas Linguístico do Amapá (ALAP), de autoria dos professores Abdelhak Razky, Celeste Maria da Rocha Ribeiro e Romário Duarte Sanches (2017) e o Atlas Linguístico dos Karipuna do Amapá, de autoria de Sanches (2020). O ALAP está em formato de livro dividido em sete partes: 1) Estado do Amapá; 2) Os municípios de pesquisa; 3) Metodologia; 4) Cartas introdutórias; 5) Cartas lexicais e 6) Cartas estratificadas. No total foram elaboradas 119 cartas linguísticas sobre a variação fonética e lexical referentes a 10 localidades do Amapá.

Destaca-se que o Atlas Linguístico do Amapá é uma obra pioneira e que serve de referência para o desenvolvimento de estudos linguísticos no Estado. O ALAP conta com um banco de dados orais do Português Brasileiro que contribui para a investigação de fenômenos linguísticos, além de se tornar um ponto de partida para quem deseja investigar, descrever, analisar e compreender melhor o português amazônico.

O Estado do Amazonas possui cinco atlas linguísticos: Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM);

Atlas dos Falares do Baixo Amazonas (AFBAM); Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro (ALFARIN); Atlas Linguístico dos Falares de Manaus (ALFAMA); Atlas Linguístico do Sul Amazonense (ALSAM). O primeiro atlas produzido é de autoria da professora Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso, elaborado como tese de doutorado e defendido em 2004. A autora apresenta o ALAM em três volumes. O primeiro é composto com notas de apresentação e aspectos teórico-metodológicos adotados para o atlas. O segundo é constituído pela metodologia utilizada para o questionário, a composição e o índice das cartas. Já o terceiro, contém 257 cartas, entre elas questões fonéticas e semântico-lexicais sobre nove localidades do Amazonas.

Outro importante atlas do Amazonas foi produzido recentemente em forma de tese de Edson Galvão Maia. De acordo com Cruz-Cardoso, Martins e Maia (2016), o objetivo do autor foi identificar as particularidades linguísticas (aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos) de sete comunidades da Mesorregião do Sul Amazonense, considerando as variáveis escolaridade, sexo e faixa etária. Os demais atlas produzidos no Estado correspondem a duas dissertações de mestrado que investigam os falares do Alto Rio Negro e da capital do Amazonas, Manaus.

O Estado do Acre ganhou recentemente seu primeiro atlas, Atlas Etnolinguístico do Acre (ALAC), publicado em 2018, sob a autoria da professora Luísa Galvão Lessa Karlberg. Segundo a autora o ALAC busca identificar os aspectos lexicais, fonéticos e morfossintáticos da Língua Portuguesa falada na região do Acre. A rede de pontos do projeto conta com 18 localidades que recobrem três grandes zonas do referido Estado. Em relação ao perfil dos informantes, o atlas contempla três faixas etárias A (16-25 anos), B (26-35 anos) e C (36-80 anos). Foram aplicados dois tipos de questionários, o fonético-fonológico e o semântico-lexical. A primeira edição do ALAC apresenta 220 cartas lexicais e cartas etnolinguísticas, além de um subcapítulo correspondente à análise delas.

O Estado do Pará possui três atlas linguísticos, dois macroatlas que contemplam todas as mesorregiões<sup>4</sup> do Estado: Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA) e Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA). E um microatlas que contempla somente a Mesorregião do Marajó: Atlas Linguístico da Mesorregião do Marajó/PA.

O Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA) é o primeiro atlas digital brasileiro. Foi publicado em 2004, em formato CD-ROM, sob a coordenação do professor Abdelhak Razky. O ALiSPA possibilita ouvir a fala dos informantes, visualizar as transcrições fonéticas e os fenômenos linguísticos correspondentes a cada informante. Para coleta de dados foi aplicado o questionário fonético do Projeto ALiB, com 159 questões que geraram 600 cartas digitais. O atlas considerou 10 pontos de inquérito, onde foram entrevistados quatro informantes em cada localidade, dois homens e duas mulheres, com ensino fundamental completo.

Vale ressaltar que o ALiSPA integra um projeto maior, conhecido como Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA) que está sob a coordenação dos professores Abdelhak Razky, Alcides Lima Fernandes e Marilucia Barros de Oliveira. Segundo Razky *et al.* (2016), o ALiPA subdivide-se em dois volumes: o ALiSPA, já publicado, e o ALeSPA (Atlas Léxico Sonoro do Pará), em andamento. Este último busca mapear dados lexicais de 38 localidades do Pará, controlando duas faixas etárias (18-30 anos e 40-70 anos) e o sexo dos informantes (masculino e feminino). No momento, o ALeSPA encontra-se em fase de elaboração das cartas linguísticas.

O último atlas, **já concluído**, é o Atlas Linguístico da Mesorregião do Marajó/PA, de autoria da professora Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva. Este foi fruto de sua tese de doutorado, defendida em 2002, mas teve sua edição em formato de livro publicada em 2005. O trabalho objetivou o mapeamento da variação lexical do português falado na Mesorregião do Marajó-PA.

No caso do Estado de Tocantins, foi identificado o Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO), produzido como tese de doutorado, defendida em 2018, de autoria da professora Greize Alves da Silva. O ALiTTETO busca traçar o perfil dialetológico do falar tocaninense por meio de cartas linguísticas. A autora fez uso da metodologia da Dialectologia Pluridimensional, controlando variáveis como: diatópica, diatópica-cinética (topostático e topodinâmico), diageracional e diassexual. Foram entrevistados 96 informantes, distribuídos entre 12 localidades do Estado de Tocantins. A pesquisa resultou em cerca de 80 cartas fonéticas e 30

4 Mesorregião do Baixo Amazonas; Mesorregião do Marajó; Mesorregião Metropolitana de Belém; Mesorregião do Nordeste Paraense; Mesorregião do Sudeste Paraense e Mesorregião do Sudoeste Paraense.

cartas lexicais.

No que diz respeito ao Estado de Rondônia, foi identificado o Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO) que está em fase de elaboração, sendo coordenado pela professora Iara Maria Teles. O projeto objetiva a descrição e o mapeamento de aspectos fonéticos do falar rondoniense. No momento, o ALiRO conta com 16 pontos de inquérito referentes a três grandes regiões do Estado. Assim, foram contemplados 62 informantes estratificados socialmente em faixa etária (II e III) e sexo (masculino e feminino). De acordo com Teles (2016), houve uma mudança em relação à pesquisa de campo o que resultou somente na aplicação do questionário fonético-fonológico.

Por fim, entre os estados da Região Norte, somente Roraima está na fase inicial de produção de atlas linguístico. O projeto está sendo idealizado pelo grupo de pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociolinguísticas de Roraima (NEPSol-RR), coordenado pela professora Luzineth Rodrigues Martins, da Universidade Federal de Roraima.

Em suma, com base no panorama apresentado, é possível afirmar que, atualmente, na Região Norte do Brasil, a pesquisa geolinguística ganhou um número razoável de atlas linguísticos regionais/estaduais, que até década passada, limitava-se aos estados do Pará e Amazonas. Esse novo quadro mostra a expansão dos estudos geolinguísticos no Norte do país, contemplando áreas ainda não exploradas por esse tipo de pesquisa, como as áreas indígenas e quilombolas, que serão apresentadas na próxima seção.

## Estudos geolinguísticos em comunidades tradicionais

Na seção anterior constatou-se que nas últimas décadas houve crescente número de estudos geolinguísticos na Amazônia brasileira e que boa parte dessas pesquisas foi projetada em áreas urbano-rurais dos estados da Região Norte. Com o aprimoramento e a ampliação da abordagem geolinguística, novas pesquisas foram e estão sendo desenvolvidas no âmbito da variação linguística, buscando ir além dos falares das áreas urbanas e rurais, contemplando agora espaços geográficos pertencentes às *comunidades tradicionais*.

No Brasil, esse público passou a integrar a agenda do governo federal, por meio do Decreto 6040/2007<sup>5</sup>. Esse Decreto define os povos e comunidades tradicionais como:

[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos por tradição (BRASIL, 2007).

Entre os povos e comunidades tradicionais do Brasil estão quilombolas, ciganos, matriz africana, seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco-de-babaçu, comunidades de fundo de pasto, faxinalenses, pescadores artesanais, marisqueiras, ribeirinhos, varjeiros, caiçaras, praieiros, sertanejos, jangadeiros, açorianos, campeiros, varzanteiros, pantaneiros, catingueiros e entre outros.

Tendo em vista a riqueza cultural e linguística inerente aos povos tradicionais e em busca de novos caminhos para a pesquisa geolinguística no Brasil, o grupo de pesquisa GeoLinterm (Geossociolinguística e Socioterminologia), vinculado à Universidade Federal do Pará (UFPA), tem fomentado estudos inéditos no campo da geolinguística em comunidades tradicionais (indígenas e quilombolas/afro-brasileiras).

O GeoLinTerm é um macroprojeto de pesquisa ligado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, organizado em quatro eixos de investigação (ou subprojetos):

- (i) Atlas Linguístico do Brasil – Regional Norte (ALiB-Norte);

<sup>5</sup> Esse Decreto instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), sob a coordenação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPiR) da Presidência da República.

- (ii) Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA);
- (iii) Atlas Linguísticos Regionais do Norte do Brasil (ALiN);
- (iv) Terminologia e Socioterminologia no Brasil (SocioTerm);
- (v) Atlas Linguístico do Português falado em áreas indígenas (ALiPAI).

O quinto eixo foi criado recentemente, em 2014, a partir de um macroprojeto coordenado pela professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (UnB), o *Atlas Linguístico Sonoro das Línguas indígenas do Brasil* (ALSLiB). Assim, o ALiPAI surgiu como forma de complementar o projeto ALSLiB com o objetivo inicial de mapear e descrever a variação fonético-lexical do português falado em áreas indígenas nos estados do Pará e Maranhão<sup>6</sup>. Atualmente, esse quinto eixo é coordenado pelo professor Abdelhak Razky (UFPA/UnB).

Ainda dentro desse novo eixo de pesquisa, acrescentaram-se os estudos variacionistas sobre o português falado em áreas quilombolas ou afro-brasileiras, coordenado pela professora Marilucia Barros de Oliveira. A seguir, apresentam-se os trabalhos geolinguísticos inéditos realizados em áreas indígenas e quilombolas/afro-brasileiras na Amazônia Brasileira.

## Estudos geolinguísticos em comunidades indígenas

No que tange aos estudos geolinguísticos em áreas/comunidades indígenas, foram identificados, com base no repositório de teses e dissertações dos sites de universidades do Norte do Brasil e na consulta via currículo *lattes* dos professores que integram programas de pós-graduação, no total de nove trabalhos, sendo cinco teses de doutorado e quatro dissertações de mestrado, como mostra o quadro abaixo.

**Quadro 2.** Trabalhos geolinguísticos em áreas indígenas na Região Norte.

Autor	natureza	Título	situação
Regis José da Cunha Guedes	Tese	Perfil geossociolinguístico do Português em contato com línguas Tupí-Guaraní em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão	2017
Maria Doraci Guedes Rodrigues	Dissertação	Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no estado do Amapá: uma abordagem geossociolinguística	2017
Eliane Oliveira da Costa	Tese	Estudo geossociolinguístico do léxico do português falado em áreas indígenas de língua Tupi-Guarani nos estados do Pará e Maranhão	2018
Fábio Luidy de Oliveira Alves	Dissertação	Estudo geossociolinguístico do português em contato com as línguas Asuriní do Xingu e Araweté	2018
Ivanete de Santana Félix	Tese	Estudo geossociolinguístico do léxico do português em contato com as línguas Neheengatu, Baniwa e Tucano em São Gabriel da Cachoeira (AM)	2019
Amanda da Costa Carvalho	Dissertação	Mapeamento fonético do português falado em comunidades indígenas do Oiapoque-AP	2019
Edinéia Aparecido Isidoro	Tese	Gramática e Geossociolinguística da língua Tuparí (fam. Tuparí, troco Tupí)	2020
Romário Duarte Sanches	Tese	Microatlas linguístico bilíngue (Português-Kheuól) da área indígena Karipuna do Amapá	2020
Marina Cintia da Silva Guajajara	Dissertação	Um estudo dialetológico da língua Guajajara	2021

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

É importante notar que a maioria dos trabalhos esteve sob a orientação do prof. Dr. Abdelhak

<sup>6</sup> Posteriormente, pretende-se ampliar a pesquisa para outras áreas indígenas.

Razky, da Universidade Federal do Pará (UFPA). Mas também foi possível verificar que há trabalhos sendo orientados em outras universidades do Brasil, como a dissertação de Marina Cintia da Silva Guajajára e a tese Edinéia Aparecido Isidoro que estão sob a orientação da profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, da Universidade de Brasília (UnB).

Como forma de ilustrar algumas dessas pesquisas, apresenta-se a seguir alguns desses trabalhos. A começar pela tese de doutorado de Regis José da Cunha Guedes, defendida em 2017, na Universidade Federal do Pará (UFPA). O trabalho intitulado “Perfil geossociolinguístico do Português em contato com línguas Tupí-Guaraní em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão”, mapeou o perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas pertencentes à família Tupí-Guaraní (Suruí Aikewára, Asuriní do Tocantins, Tembé, Guajajára e Guaraní Mbyá), em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão.

O autor teve como foco estudar o comportamento linguístico dos falantes e a variação fonética do português de contato com as variedades supracitadas. Para ele, a sua metodologia segue a dialetologia moderna e a Dialetologia Pluridimensional e Relacional. As dimensões controladas na pesquisa foram: sexo, faixa etária, escolaridade.

Outra tese de doutorado também defendida na UFPA é de autoria de Eliane Oliveira da Costa e tem como título “Estudo geossociolinguístico do léxico do português falado em áreas indígenas de língua Tupi-Guarani nos estados do Pará e Maranhão”. Autora investigou a variação lexical do português falado em áreas indígenas de língua Tupí-Guaraní nos estados do Pará e Maranhão à luz da Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Assim, Oliveira (2018) selecionou quatro Terras Indígenas, a saber: TI Trocará (etnia Asuriní do Tocantins/PA), TI Nova Jacundá (etnia Guarani Mbyá/PA), TI Sororó (etnia Suruí Aikewára/PA) e TI Cana Brava (etnia Guajajára/MA), controlando em sua pesquisa as dimensões diatópica, diageracional, diastrática, diagenérica e dialingual. Em suma, a autora conseguiu mapear cerca de 50 itens lexicais do português falado de contato com línguas Tupi-Guaraní.

No que diz respeito às dissertações de mestrado, têm-se duas já defendidas. A primeira, em 2017, intitulada “Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no Estado do Amapá: uma abordagem Geossociolinguística”, de Maria Doraci Guedes Rodrigues que objetivou mapear e descrever a variação lexical do português falado em Terra Indígena (TI), especificamente na TI Wajãpi, no Estado do Amapá. O estudo adotou o modelo e os procedimentos de análise da Geolinguística e da Dialetologia Pluridimensional. Rodrigues (2017) cartografou 20 itens lexicais do Português falado em cinco comunidades da etnia Wajãpi. Para cada ponto foram entrevistados quatro informantes indígenas: dois homens e duas mulheres, com faixa etária distinta.

A segunda dissertação, defendida em 2018, é de Fábio Luidy de Oliveira Alves, intitulada “Estudo geossociolinguístico do português em contato com as línguas Asuriní do Xingu e Araweté”. O autor buscou descrever os aspectos semântico-lexicais da variedade do português falado em Terras Indígenas (TI) do Estado Pará, a saber: TI Asuriní do Xingu e TI Araweté. O estudo conta com quatro pontos de inquérito, sendo entrevistados quatro informantes em cada localidade, totalizando assim 16 indígenas. O trabalho adotou a Dialetologia Pluridimensional e Relacional, levando em consideração as dimensões: diatópica, diageracional e diassexual.

Diante desse breve levantamento, ressalta-se a relevância desses trabalhos para compreender o Português falado no Brasil, sobretudo em área indígena, já que aos poucos esta língua colonial vem tornando-se língua dominante nessas áreas indígenas citadas e interferindo no domínio das línguas minoritárias ainda faladas no Brasil.

## **Estudos geolinguísticos em comunidades quilombolas ou afro-brasileiras**

No que diz respeito aos estudos geolinguísticos em áreas/comunidades quilombola ou remanescentes, foram identificadas, também com base no repositório de teses e dissertações dos sites de universidades do Norte do Brasil e na consulta via currículo *lattes* de professores orientadores que integram programas de pós-graduação, no total de cinco trabalhos, sendo um relatório de pós-doutorado, três teses de doutorado e uma dissertação de mestrado, conforme ilustra o Quadro 03.

**Quadro 3.** Trabalhos geolinguísticos em comunidades quilombolas ou afro-brasileiras.

autor	natureza	Título	situação
Denise Ramos Cardoso	Dissertação	Tabus Linguísticos no Nordeste Paraense: um Estudo Geossociolinguístico	2016
Marcelo Pires Dias	Tese	Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará	2017
Edmilson José de Sá	Pós-doutorado	Atlas Linguístico Quilombola do Moxotó-Ipanema	2018
Celiane Sousa Costa	Tese	Territorialização e perspectivação linguísticas: a variação lexical em comunidade quilombolas do Baixo Amazonas	2019
Helen Costa Coelho	Tese	Estudo geossociolinguístico do léxico falado em comunidades afro-brasileiras no Amapá	2022

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Vale ressaltar que esses trabalhos elencados estiveram sob a orientação da professora doutora Marilucia Barros de Oliveira, da Universidade Federal do Pará (UFPA). Para descrição breve dos trabalhos, apresenta-se a seguir o estudo de pós-doutorado de Sá (2018), a tese de doutorado de Dias (2017) e a dissertação de mestrado de Cardoso (2016).

Neste caso, inicia-se com a tese de doutorado de Marcelo Pires Dias, defendida em 2017, na Universidade Federal do Pará (UFPA), cujo título é “Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará”. O autor objetivou descrever e mapear a variedade linguística do português afro-brasileiro falado nas comunidades remanescentes de quilombos da Mesorregião Nordeste do Pará. Assim, ele selecionou cinco comunidades quilombolas da referida mesorregião. A pesquisa resultou em um atlas linguístico (AGQUINPA) que teve como base os pressupostos metodológicos da Geografia Linguística e da Geolinguística Pluridimensional, considerando as dimensões diatópica, diasexual e diageracional. O AGQUINPA possui 153 cartas semântico-lexicais.

O próximo trabalho corresponde a um projeto de pós-doutoramento concluído em 2018, na UFPA, sob a autoria de Edmilson José de Sá. O título é “Atlas linguístico quilombola do Moxotó-Ipanema-PE (ALQUIMIPE)”, cujo objetivo geral foi a construção do referido atlas, bem como a descrição e o mapeamento de variantes fonéticas e lexicais do português falado nos quilombos de Moxotó-Ipanema-PE.

Segundo Sá (2018), não se tem notícia de algum trabalho geolinguístico envolvendo os falares dos quilombolas de Pernambuco, o que torna o ALQUIMIPE o primeiro atlas dessa natureza a ser elaborado. O autor também comenta que o referido atlas possui 11 cartas fonéticas e 21 cartas lexicais. Os inquéritos para o ALQUIMIPE foram realizados em três comunidades da microrregião do Moxotó e duas da microrregião do Ipanema.

O último trabalho a ser evidenciado aqui, corresponde a uma dissertação de mestrado defendida em 2016, na UFPA, de autoria de Denise Ramos Cardoso. A dissertação tem como título “Tabus linguísticos no Nordeste Paraense: um estudo geossociolinguístico”. A autora buscou evidenciar a presença de tabus linguísticos na fala dos moradores de comunidades remanescentes de quilombolas situadas no Nordeste do Estado do Pará. Para isso, a pesquisa também objetivou mapear e descrever a variação lexical na fala de informantes controlando o fator sexo e faixa etária. Cardoso (2016) produziu cartas linguísticas com o objetivo de identificar tabuísmos presentes no conjunto de variantes lexicais mapeadas.

Diante do levantamento bibliográfico feito, sobre os estudos geolinguísticos realizados no Norte do Brasil, com foco no português falado em comunidades tradicionais, é possível constatar



o caráter pioneiro desses trabalhos, sobretudo pela aplicação do método geolinguísticas em área dialetais nunca investigadas. Alguns desses estudos já podem ser contemplados como capítulo do livro “Diversidade linguística em comunidades tradicionais”, organizado por Sá, Oliveira e Sanches (2018).

## Considerações finais

Os estudos, apresentados acima, têm mostrado, por meio da descrição e do mapeamento linguístico, como as variedades do português apresentam-se no espaço geográfico/social de comunidades tradicionais, sejam indígenas, sejam quilombolas/afro-brasileiras. Neste sentido, acredita-se que as pesquisas geolinguísticas já realizadas no Norte do país oferecem um banco de dados indispensável para o conhecimento cultural, histórico, social, e, sobretudo, linguístico das variedades do português falado na Amazônia brasileira.

## Referências

- ALVES, Fábio Luidy de Oliveira. **Estudo geossociolinguístico do português em contato com as línguas Asuriní do Xingu e Araweté**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, 2018.
- BRASIL. **Decreto n. 6.040**, de 07 de fev. de 2007. Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, Brasília, DF, fev. 2007.
- BRITO, Roseanny Melo de. **Atlas dos Falares do Baixo Amazonas (AFBAM)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Amazonas, 2011.
- CARDOSO, Denise Ramos. **Tabus Linguísticos no Nordeste Paraense: um Estudo Geossociolinguístico**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, 2016.
- CARDOSO, Letícia Pinto. **Atlas Linguístico dos Falares de Manaus (ALFAMA)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Amazonas, 2018.
- COSTA, Eliane Oliveira da. **Estudo geossociolinguístico do léxico do português falado em áreas indígenas de língua Tupi-Guarani nos estados do Pará e Maranhão**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará, 2018.
- COSTA, Eliane Oliveira da. **Estudo geossociolinguístico do léxico do português falado em áreas indígenas de língua Tupi-Guarani nos estados do Pará e Maranhão**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará, 2018.
- COELHO, Helen Costa. **Estudo geossociolinguístico do léxico falado em comunidades afro-brasileiras no Amapá**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará, 2022.
- CRUZ, Maria Luiza Cardoso. **Atlas Linguístico do Amazonas**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. V. I e II.
- DIAS, Marcelo Pires. **Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará, 2017.
- GUEDES, Regis José da Cunha. **Perfil geossociolinguístico do Português em contato com línguas Tupi-Guaraní em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará, 2017.
- JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos. **Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro (ALFARiN)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Amazonas, 2012.
- KARLBERG, Luísa Galvão Lessa. **Atlas etnolinguístico do Acre (ALAC): fronteiras léxicas**. Rio Branco:

Edufac, 2018.

MAIA, Edson Galvão. **Atlas Linguístico do Sul Amazonense (ALSAM)**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Londrina, 2018.

MOTA, Jacyra. Andrade. Análises do corpus do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): balanço do estágio atual. *In*: MOTA, Jacyra Andrade (et al.). **Documentos 5**: projeto Atlas Linguístico do Brasil, avaliação e perspectivas. Salvador: Quarteto, 2015, p. 23-70.

PAIM, Marcela. A presença do projeto ALiB nos estudos sobre a língua portuguesa. *In*: CARDOSO, Suzana (et al.). **Documentos 3**: projeto atlas linguístico do Brasil. Salvador: Vento Leste, 2012, p. 33-76.

RAZKY, Abdelhak. **Atlas linguístico sonoro do estado do Pará** (ALiSPA 1.1). Belém: s/ed. 2004. (Programa em CD-ROM).

RAZKY, Abdelhak; RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha; SANCHES, Romário Duarte. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

RODRIGUES, Maria Doraci Guedes. **Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no estado do Amapá**: uma abordagem geossociolinguística. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, 2017.

ROMANO, Valter Pereira. Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística. **Papéis** (UFMS), v. 18, p. 135-153, 2014.

SÁ, Edmilson José de; OLIVEIRA, Marilucia Barros de. Redução das proparoxítonas no Atlas Linguístico quilombola do Moxotó-Ipanema de Pernambuco. *In*: SÁ, Edmilson José de; OLIVEIRA, Marilucia Barros de; SANCHES, Romário Duarte. **Diversidade linguística em comunidades tradicionais**. Campinas: Pontes Editores, 2018, p. 17-36.

SÁ, Edmilson José de; OLIVEIRA, Marilucia Barros de; SANCHES, Romário Duarte. **Diversidade linguística em comunidades tradicionais**. Campinas: Pontes Editores, 2018.

SANCHES, Romário Duarte. **Atlas Linguístico dos Karipuna do Amapá – ALIKAP**. Rio Branco – AC: NEPAN, 2020.

SILVA, Greize Alves da. **Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO)**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Londrina, 2018.

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da. **Atlas Linguístico da Mesorregião do Marajó/PA**. Belém: UNAMA, 2005.

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da. **Um estudo semântico-lexical com vistas ao Atlas Linguístico da Mesorregião do Marajó/PA**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, 2002.

THUN, Harald. La Géographie Linguistique Romane à la fin du XXe siècle. *In*: CONGRES INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 22, 1998, Bruxelles. **ACTES**. Tübingen: Niemeyer, 2000. p. 367-388.

Recebido em 29 de abril de 2022.  
Aceito em 13 de julho de 2022.